

O jeitinho brasileiro como mecanismo de enfrentamento da adversidade¹

Fernanda Beatriz Wahl da Silva Aniello ²

Resumo: Este artigo apresenta uma discussão teórica sobre a formação da identidade cultural do povo brasileiro. A proposta consiste em compreender a forma atípica como o brasileiro age perante as adversidades, bem como analisar o famoso jeitinho brasileiro. Para atingir o objetivo proposto, tomou-se como base teorias da antropologia social sobre a formação da cultura brasileira, em especial, os estudos de Roberto DaMatta, que exploram os elementos formadores da identidade brasileira, ao definirem o que é o Brasil. A metodologia adotada, será a pesquisa bibliográfica. Este artigo busca contribuir com estudos sobre a formação da identidade brasileira.

Palavras-chave: Povo. Brasileiro. Cultura. Adversidade. Jeitinho.

1 Introdução

Para entender a formação da identidade cultural do brasileiro, faz-se necessário entender a formação desse povo para, somente após tal análise, poder iniciar os estudos sobre a sua forma de agir e pensar.

Pois bem, o povo brasileiro surgiu da miscigenação de raças, uma vez que suas terras eram habitadas somente por povos nativos, até que no dia 22 de abril de 1500, os portugueses chegaram em terras brasileiras. Já entre os anos 1539 e 1542, os primeiros escravos africanos chegaram na Capitania de Pernambuco. A partir da mistura desses povos retro mencionados, nasceram os novos brasileiros. Anos mais tarde, outras pessoas advindas da Europa passaram a morar no Brasil. Muitos anos mais tarde, exatamente em 18 de junho de 1908, chegou ao Brasil o navio Kasato Maru, que foi o marco da imigração japonesa no Brasil.

Em decorrência dessa combinação de raças, o brasileiro tem características únicas. Sua cultura é rica e vasta. O brasileiro é festeiro, religioso e sofredor. Carrega traços culturais de todos os povos que contribuíram para sua formação, o que levou o brasileiro a agir de uma forma única perante situações adversas, criando, o conhecido, “jeitinho

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho “Mídias contemporâneas e práticas socioculturais” do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

² Mestranda em Comunicação, graduada Direito e Ciências Contábeis, Especialista em Direito Tributário, docente da Universidade Paulista – UNIP – Campus Sorocaba. E-mail: fernanda_wahl@hotmail.com.

brasileiro”, ou seja, a forma improvisada que busca brechas legais para reagir a situações atípicas.

Importante para entender o que se pretende com o artigo, é saber o que é cultura, partindo-se teorias de Clifford Geertz, que traça tal conceito com base na antropologia, por ser considerada prática social.

Argumenta o sociólogo Muniz Sodré (2010) a miscigenação está presente no Brasil e ao formar a identidade nacional, vincula o jeito brasileiro à reinterpretação histórica de uma forma social cristalizada na Península Ibérica e aqui trazida pelos portugueses.

Segundo o antropólogo Roberto DaMatta (1993), em países como Estados Unidos, França e Inglaterra, o povo é extremamente disciplinado, já que há regras, irá cumpri-las. A lei, nesses locais, cumpre sua função social, ou seja, disciplinar a vida social. Para DaMatta (1993), no Brasil, a lei significa sempre o “não pode” formal. Porém, o brasileiro não aceita nem mesmo esse “não pode” advindo da lei e sempre procura achar uma brecha e dar um “jeitinho” pela relação pessoal e pela amizade.

O “jeito” é um modo e um estilo de realizar. Mas que modo é esse? É lógico que ele indica algo importante. É, sobretudo, um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal; nos casos — ou no caso — de permitir juntar um problema pessoal (atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis por falta de divulgação, confusão legal, ambiguidade do texto da lei, má vontade do agente da norma ou do usuário, injustiça da própria lei, feita para uma dada situação, mas aplicada universalmente etc.) com um problema impessoal. Em geral, o jeito é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas, provocando essa junção inteiramente casuística da lei com a pessoa que a está utilizando (DAMATTA, 1993, p. 99).

No decorrer desse estudo, será apresentado o processo de formação do povo brasileiro, a criação da identidade cultural do brasileiro, como se faz para definir o brasileiro a partir das festas, a diferenciação do jeitinho e da malandragem.

Assim, o objetivo principal será a análise da forma de reação do brasileiro, perante as adversidades, lançando mão do jeitinho, característica essa, reconhecida internacionalmente.

2 O processo de formação do povo brasileiro

Conforme estudo da cientista e professora da USP, especialista em genética, Lygia da Veiga Pereira, disponibilizado no sítio Terra, em 27 de dezembro de 2019, um dos países mais miscigenados do mundo é o Brasil, visto que vários povos contribuíram para a sua formação, dentre eles, os índios (nativos), os portugueses (colonizadores), e outros povos que tentaram colonizar o país, tais como, franceses, holandeses, italianos, japoneses, alemães entre outros, além dos negros africanos (escravos). Muitas pessoas atribuem todos os males do país à colonização portuguesa e à presença de negros e índios na formação do povo.

Para Darci Ribeiro (1995, p. 19), nascemos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. Ou seja, o brasileiro nasce de uma grande mistura.

Sodré (2010), ao escrever “Sobre a Identidade Brasileira” traz à baila o marcante trecho de Lima Barreto (1956, p. 130), que narra o episódio da partida da esquadra e que a ninguém pediu o convite, apenas a ele, concluindo o trecho com a explanação “é triste não ser branco”.

Pois bem, Sodré (2010, p. 323) argumenta que “no caso de Lima Barreto, apenas a questão racial está em jogo, mas o preconceito em geral tem raízes ainda mais fundas e mais extensas, porque ele faz parte de toda operação de conhecimento, do modo como adquirimos um saber qualquer”.

Essa segregação faz-se presente no Brasil, Brasil de tantas raças, conforme bem narra Sodré no trecho a seguir:

Deste modo, uma violência histórica como a segregação racial pode acabar, mas deixando intacto o ‘meio vital’, uma espécie de maneira ou jeito social, onde prospera um certo tipo de sensibilidade que alimenta as crenças sobre a inferioridade humana do Outro, seja o negro ou qualquer outra configuração da diversidade humana (SODRÉ, 2010, p. 323).

Para Sodré, as elites brasileiras sempre tentaram se basear nos padrões de identidade dos europeus, ou seja, no continente da civilização branca, como se a raça branca fosse a única a existir no Ocidente. O mesmo autor afirma que (2010, p. 327)

“acontece que as elites brasileiras, sujeitos de um patrimônio civilizatório colônia, sempre tentaram pautar-se por padrões de identificação coletiva afinados com a Europa, o continente da civilização branca”.

Ainda de acordo com Sodré (2010, p. 327), “o afrodescendente pode indicar a existência de um outro padrão civilizatório, não dominante, mas predominante nas formas de vida do povo nacional”.

A influência da cultura africana no Brasil é forte, presente de forma inequívoca na vida do brasileiro.

Na verdade, os ‘candomblés’ ou comunidades litúrgicas matriciais, aquelas que deram origem à profusão e à popularização dos cultos afrobrasileiros, foram resultado de uma aglutinação elitista, caracterizada pela participação fundacional de altos dignitários e sacerdotes do milenar culto aos orixás, trazidos ao Brasil na condição de escravos, em consequência das guerras interétnicas e das incursões guerreiras dos escravagistas no Continente africano. A cidade-estado de Ketu, como se sabe, foi conquistada e arrasada pelo rei Ghezo, que vendeu levas de cativos aos portugueses (SODRÉ, 2010, p. 328).

Eduardo Freitas, no artigo “A composição étnica do povo brasileiro” publicado na página AlunoOnline, do site UOL, narra a miscigenação do povo brasileiro, que se caracteriza pela mistura entre grupos étnicos, resultado de, pelo menos, 500 anos de história. Nessa mistura há predominância de três grupos, são eles: os índios (povos nativos), brancos (sobretudo portugueses) e os negros (escravos). Formando-se da mistura dessas raças um povo composto por brancos, negros, indígenas, pardos, mulatos, caboclos e cafuzos.

Já Rainer Sousa, ao escrever o artigo “O povo brasileiro”, afirma que a formação do povo brasileiro foi marcada pelas contradições do conflito e da convivência, constituindo uma nação com traços singulares que ainda se mostram vivos no cotidiano dos vários tipos de “brasileiros” que vive nesse território de dimensões continentais. É certo que a primeira marcante mistura aconteceu quando as populações indígenas da região entraram em contato com os colonizadores do Velho Mundo. Em meio ao interesse de exploração e ao afastamento dos padrões morais europeus, os portugueses engravidaram várias índias que deram à luz nossa primeira geração de mestiços. Fora da dicotomia imposta entre os “selvagens” (índios) e os “civilizados” (europeus), os mestiços formam um primeiro momento do nosso variado leque de misturas. Mais tarde,

com a exploração do açúcar, uma grande leva de africanos foi expropriada de suas terras para viverem na condição de escravos. Chegando a um lugar distante de suas referências culturais e familiares, tendo em vista que os mercadores separavam os parentes, os negros tiveram que reelaborar o seu meio de ver o mundo com as sobras daquilo que restava de sua terra natal.

Ainda nas palavras de Rainer Souza, italianos, alemães, poloneses, japoneses, eslavos e tantos povos mais vieram ao Brasil, não só contribuindo para a exploração de novas terras, como também cumpriram as primeiras jornadas de trabalho em ambiente fabril.

Assim, o modo de agir do brasileiro começa a criar suas características nas primeiras décadas do século XX, mesmo período em que os intelectuais modernistas passaram a pensar com mais intensidade nessa enorme tralha de culturas que forma a cultura de um só lugar. E nesse ambiente de diferenças, festas, preconceitos e jeitinhos é que nasce o brasileiro.

3 A criação da identidade cultural brasileira

Appadurai em “Soberania sem territorialidade”, ao falar de Estado-Nação, inclui ao seu conceito, as noções sobre língua, origem comum, consanguinidade e várias outras concepções de etnia, afirmando ainda que a base lógica política e jurídica fundamental do sistema de Estados-nações é a soberania territorial.

Pois bem, esse conceito é importante para o que se pretende neste artigo, ou seja, trabalhar a cultura brasileira, tendo em vista que ocorre dentro dos limites do Estado-Nação.

Busca-se descrever o Brasil, a partir de visões diversas, o que faz seu povo, o porquê age de uma determinada maneira, de onde vem tanta força e busca de transformação e adaptabilidade, nas palavras de DaMatta, 1993, p. 13, na confiança de se ver o Brasil por meio de suas coisas legais, sérias, oficiais e sagradas, que são as mais comuns, deve-se analisa-las por outros ângulos. Essa visão deve ser distinta daquela oficial e bem-comportada apresentada pelos livros de história social que são vendidos em todas as livrarias e que difundida pelos professores nas escolas. O que se busca é um entendimento do Brasil que deseja ser maiúsculo por inteiro, ou seja, o BRASIL das

coisas e do povo, da comida, da mulher, da religião, que não precisa de explicações teleológicas. Aquele país das leis da amizade e do parentesco, que é acolhedor, das grandes emoções das lágrimas, do acolhimento de suas casas, onde seu povo vive o seu cotidiano. Aquele país que há jogos trapaceiros e cheios de malandragem e também do carnaval, festa em que é possível gandaiar sem ser criminoso, podendo apreciar a marginalidade, com hora marcada para seu começo e seu fim. Ora, o Brasil de tantas caras e jeitos, um povo de tantas culturas, vivendo pacificamente dentro do mesmo território. Analisando de forma mais sociológica, pode-se dividir o Brasil em dois, sendo certo que o primeiro, baseia-se nas possibilidades humanas e o segundo, na combinação das possibilidades universais.

O mistério dessa escolha é imenso, mas a relação é importante. Porque ela define um estilo, um modo de ser, um “jeito” de existir que, não obstante estar fundado em coisas universais, é exclusivamente brasileiro. Assim, o ponto de partida deste ensaio é o seguinte: tanto os homens como as sociedades se definem por seus estilos, seus modos de fazer as coisas (DAMATTA, 1993, p. 14).

Da Matta é conciso e claro ao explicar sobre identidade social, definindo que tal situação decorre da questão da identidade, de saber quem somos e como somos e por que somos, o que diferencia o homem dos animais. Afirma ainda que a identidade social é importante visto que o conhecer a si mesmo por meio dos outros, deixou de ser base apenas nos livros de filosofia passando a ser estudada pela antropologia orientada. O mistério a partir dessa nova visão, deixou de ser apenas o saber quem somos uma vez que será necessário descobrir como construímos nossas identidades. As pessoas passarão a se distinguir dos demais, já que poderá associar intensamente a uma série de atributos especiais e com eles e por meio deles formar uma história: a sua história (DaMatta, 1993, p. 14).

O preconceito no Brasil, é um pouco distinto do ocorrido nos demais países. Como apregoa Sodré, sob o manto da carnavalização das relações sociais, o preconceito no Brasil, nasce de maneira mais discreta, já que não pode ser considerado o país mais racista do mundo, uma vez que não existe a divisão negro-branco.

Nesse mesmo sentido, preconiza DaMatta que não há segregação racial como na África e nos Estados Unidos, locais onde há a classificação formal do povo entre preto e branco, porém, o preconceito se faz presente, mas é possível concluir que:

Trata-se, conforme já apontou um sociólogo brasileiro, Oracy Nogueira, de um tipo de preconceito racial que considera básicas as “origens” das pessoas, e não somente a “marca” do tipo racial, como ocorre no caso brasileiro. Desse modo, o nosso preconceito seria muito mais contextualizado e sofisticado do que o norte-americano, que é direto e formal. A consequência disso, sabemos bem, é a dificuldade de combater o nosso preconceito, que em certo sentido tem, pelo fato de ser variável, enorme e vantajosa invisibilidade. Na realidade, acabamos por desenvolver o preconceito de ter preconceito, conforme disse Florestan Fernandes numa frase lapidar (DaMatta, 1993, p. 42).

Aliás, cada cultura constrói uma visão do mundo e com isso, todos os seus entendimentos e serão apropriados num dentro deste contexto, sendo aceito como verdade nesse contexto cultural, porém em outros, irão ser considerados absurdamente impróprios em outro.

Para concluir o que é cultura, lança-se mão das teorias de Clifford Geertz que reorganizar o que é cultura usando também conceitos da antropologia. Até então cultura seria apenas produção artística. A partir de então, cultura passa ser toda a prática social.

O antropólogo, a partir desse conceito dado por Geertz, vai interpretar os significados atribuídos por essa sociedade para definir cultura. Afirma Geertz (2008, p. 4) que “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise”.

4 Como definir o brasileiro a partir das festas

DaMatta (1993) define que, por meio das festas, é possível descobrir oscilações entre uma visão alegre e uma leitura soturna da vida, uma vez que todas as festas ou ocasiões extraordinárias recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais.

Em relação ao brasileiro, afirma que as solenidades permitem vincular o brasileiro a casa, a rua e outro mundo, partindo cada uma de um ponto diferente. O carnaval faz esse elo, propondo a abertura de todas as portas, paredes e muralhas. Já nos ritos cívicos e religiosos, o que se propõe é distinto.

De fato, nos carnavais e orgias, o propósito básico parece ser o de igualar e juntar. Seu objetivo é abolir todas as diferenças, ou pelo menos

foi assim que viu Bakhtin nas sociedades hierarquizadas. Mas no caso das festas da ordem, ou seja, das formalidades sociais em que se celebram as relações sociais tal como elas operam no mundo diário, as diferenças são mantidas. Aqui, ao contrário do carnaval, o que se está celebrando é a própria ordem social, com suas diferenças e gradações, seus poderes e hierarquias. Não se deseja virar o mundo de pernas para o ar, colocando-o de cabeça para baixo, mas o que se pretende é precisamente celebrar o mundo tal como ele é no cotidiano. Daí por que, em outro lugar (no meu livro *Carnavais, malandros e heróis*), chamei os carnavais de “ritos de inversão” e os festivais da ordem de “ritos de reforço”. Minha idéia era salientar essas propriedades estruturais de um e outro momento solene: o carnaval promovendo a igualdade e a supressão de fronteiras, e as festas cívicas e religiosas promovendo a sua glorificação e manutenção (DAMATTA, 1993 p. 82).

Ao discorrer sobre os rituais religiosos, o mesmo autor narra que pelo fato de esses locais serem sagrados, onde se busca a cura do mundo, os valores ali articulados são os mais básicos, por exemplo, há o mundo de Deus que é simbolizado pela Igreja Católica, universo onde as coisas se dão de forma vertical, de cima para baixo ou vice-versa.

Faz também um ensaio sobre a forma de agir do brasileiro em relação às festas religiosas, cívicas e ao carnaval, uma vez que em todos os ritos de ordem, quer sejam cívicos ou religiosos, a ideia reside em sacrificar o corpo seja pela pátria, por Deus ou por um partido político, dando uma sensação ao homem de dever cumprido, de devoção e ordem. Já nas festas carnavalescas, o ritual é completamente diferente, ou seja, o oposto do experimentado nas outras festas, pois no Carnaval, os valores salientados, são os prazeres pelo corpo, e o resultado obtido não é a ordem, e sim a desordem, que leva a uma radical transformação temporária, porém intensa da estrutura social.

Em relação às festas militares, o autor faz um relato importante acerca das paradas militares e do agir do brasileiro:

No caso brasileiro, as paradas militares são ponto importante daquilo que denominei "triângulo ritual". De fato, na nossa sociedade temos o desfile militar para as autoridades, ou melhores, como rito destinado a celebrar a relação do Estado com o povo. Temos as procissões que focalizam as relações dos homens com Deus através da Igreja. E temos, finalmente, o desfile do carnaval, que faz o povo ser ao mesmo tempo espectador e ator(...)

(...)No caso brasileiro, as paradas militares são ponto importante daquilo que denominei "triângulo ritual". De fato, na nossa sociedade temos o desfile militar para as autoridades, ou melhor, como rito destinado a celebrar a relação do Estado com o povo. Temos as procissões que focalizam as relações dos homens com Deus através da

Igreja. E temos, finalmente, o desfile do carnaval, que faz o povo ser ao mesmo tempo espectador e ator. (DaMatta, 1993, p. 82)

Nos ritos sempre há um foco, seja ele um personagem, um objeto ou um evento. Será em torno desse centro, que se constituirá uma cena básica que deverá estruturar o rito como um todo, já no carnaval não há centro. É uma festividade em que muita coisa acontece ao mesmo tempo, podendo ser enquadrada como descentralizada.

5 O brasileiro, o malandro, e o jeitinho

Nas palavras de Sodré (2010), o patriotismo do brasileiro nasce do ethos de transigência e permeação da mistura das raças, sendo certo que o “jeitinho”, torna pública a convivialidade do brasileiro.

Assevera DaMatta (1993), ora, “de fato, é alarmante constatar que a legislação diária do Brasil é uma regulamentação do “não pode”, a palavra “não” que submete o cidadão ao Estado sendo usada de forma geral e constante”.

Pois bem, já o brasileiro quando se depara com situações problemáticas, as resolve de forma improvisada, informal, o chamado jeitinho brasileiro. Em relação a isso, relata-se que:

O “jeito” é um modo e um estilo de realizar. Mas que modo é esse? É lógico que ele indica algo importante. É, sobretudo, um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal; nos casos — ou no caso — de permitir juntar um problema pessoal (atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis por falta de divulgação, confusão legal, ambiguidade do texto da lei, má vontade do agente da norma ou do usuário, injustiça da própria lei, feita para uma dada situação, mas aplicada universalmente etc.) com um problema impessoal. Em geral, o jeito é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas, provocando essa junção inteiramente casuística da lei com a pessoa que a está utilizando (DAMATTA, 1993, p. 99).

Ainda nas palavras do autor mencionado acima, no Brasil, o “jeito” nasce entre o “pode” e o “não pode”, pois segundo ele, a “forma clássica do “jeitinho”, solicita-se precisamente isso: um jeitinho que possa conciliar todos os interesses, criando uma relação aceitável entre o solicitante, o funcionário-autoridade e a lei universal” (1993, p. 100).

Explicando-se de maneira diversa, o “jeitinho brasileiro” nada mais é do que a forma improvisada e informal, como o brasileiro age em situações atípicas, não esperadas.

Em todos os setores da vida, o brasileiro usa o jeitinho. Para tudo o brasileiro tem uma explicação e tenta resolver dando o “jeito”. São exemplos a utilização das filas prioritárias, por gordinhas não gestantes, por pessoas que mancam, para passarem por deficientes físicos, as carteirinhas de estudantes emprestadas, enfim, são vários os exemplos. Infelizmente nos exemplos retro, o jeitinho pode ser entendido como corrupção.

Talvez, om brasileiro seja *expert* em dar jeitinho em tudo, por ser um ótimo argumentador ou mesmo por sua malandragem.

Aliás, malandragem é uma característica daquele que sempre “dá o jeitinho”. Para DaMatta, “o malandro, portanto, seria um profissional do “jeitinho” e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis. Aqui, também, temos esse relacionamento complexo e criativo entre o talento pessoal” (1993, p. 102)

É certo ainda, que o uso da argumentação e da larápia é uma das especialidades do malandro. O malandro, na linguagem popular, “consegue convencer qualquer um pela sua conversa”.

Da Matta, em relação ao malandro, narra que:

Aqui, também, temos esse relacionamento complexo e criativo entre o talento pessoal e as leis que engendram — no caso da malandragem — o uso de “expedientes”, de “histórias” e de “contos-do-vigário”, artifícios pessoais que nada mais são que modos engenhosos de tirar partido de certas situações, igualmente usando o argumento da lei ou da norma que vale para todos, como ocorre no conto da venda do bilhete de loteria premiado (DAMATTA, 1993, p. 102).

Para ele, no Brasil, todos conhecem a malandragem, forma de agir entre a lei e a desonestidade, “mas também, e sobretudo, é uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas, uma forma ou estilo de conciliar ordens impossíveis de serem cumpridas com situações específicas” (1993, p. 103), aliás, na malandragem, busca-se burlar leis e regras sociais, podendo ocorrer em qualquer situação.

Normalmente, o brasileiro tenta driblar tudo aquilo que foge de seu alcance, buscando sempre uma solução que fuja a regra convencional, pois é característica do brasileiro não aceitar ter um “não” como resposta.

Por exemplo, ao se deparar com uma blitz policial e se estiver com a licença para dirigir vencida ou se tiver feito uso de bebida alcoólica, com certeza vai mudar o caminho, a fim de fugir de uma eventual averiguação policial.

É comum também, o “apadrinhamento”, ou seja, usar da influência de alguém para se dar um jeitinho e conseguir algo que seria quase impossível, tal qual ocorre para se apossar de cargos públicos.

Muitas vezes, mulheres mais gordinhas, se deparam com enormes filas para efetuar pagamentos em supermercados, lojas, para serviços bancários. Nessas situações, muitas vezes lançam mão de seu sobrepeso, para passarem por grávida e se utilizarem da fila preferencial.

Outra forma de se dar um jeitinho é também diante de determinadas situações, como ser proibido de adentrar em um evento por não ser convidado e perguntar ao responsável pela liberação das pessoas “Sabe com quem você está falando”. A famosa “carteirada” também pode ser considerada como exemplo.

O profissional que exerce a função de despachante, despachante deve guiar seus clientes pelos meandros das repartições públicas, para que perfaçam o caminho correto para atingir algum objetivo. Desta maneira, segundo DaMatta, se a pessoa não tem um amigo ou uma indicação que possa facilitar o “jeitinho”, contrata-se um despachante, que realiza precisamente essa tarefa.

Assim, o jeitinho nasce na cultura brasileira, essa forma improvisada de agir ou mesmo de contornar as situações, muitas vezes, buscando uma brecha na lei, agindo, de forma escusa, contrária aos bons costumes de outros povos, o que torna o brasileiro diferente dos demais, conseguindo sempre ter vantagem nas situações mais complicadas que possam surgir.

Considerações Finais

O jeitinho brasileiro pode ser enquadrado tanto de forma negativa quanto positiva, tomando-se como referência a situação na qual ele é aplicado.

Quanto à conotação negativa, remetendo à malandragem, associa-se o jeitinho brasileiro à corrupção, à falta de civismo, à falta de ordem, à falta de regras, à falta de educação, à lábia e ao mau-caratismo. Ora, nesse entendimento, o jeitinho brasileiro seria

visto como toda e qualquer tentativa de enganar os demais, buscando benefícios apenas ao autor da ação. Aliás, os brasileiros atribuem o jeitinho a uma forma de resolver os problemas de forma ilícita ou incorreta.

A paixão nacional brasileira, que é o futebol, é reconhecida pelo jeitinho dos jogadores brasileiros, pela malandragem, porém no bom sentido, de como os jogadores conduzem a bola, a forma fantástica e livre de driblar os outros jogadores.

Portanto, o brasileiro, fazendo jus a sua miscigenação e diversidade cultural, pode criar uma maneira diferenciada para reagir a todas as situações, sempre buscando uma maneira para fugir daquilo que é convencional, para resolver qualquer problema que surja no caminho. Às vezes, esse jeitinho pode não ser algo que não seja de acordo com a lei, mas que apresente a consequência almejada pelo brasileiro.

Referências

APPADURAI, Arjun. **Soberania sem territorialidade**. Novos Estudos Cebrap. São Paulo: 1997, v. 49, n. 1, p. 33-46.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FREITAS, Eduardo de. A composição étnica do povo brasileiro. **Alunos Online**. Disponível em: <https://alunosonline.uol.com.br/geografia/composicao-etnica-do-povo-brasileiro.html>. Acesso em 18 de junho de 2019.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

O BRASIL É PROVAVELMENTE O PAÍS COM MAIOR MISCIGENAÇÃO DO MUNDO. **Terra**, 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/o-brasil-e-provavelmente-o-pais-com-maior-miscigenacao-do-mundo,aa14418d5570af030f9076e19cc0f5041kprzn51.html>. Acesso em: 26 de outubro de 2020.

ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**. Campinas: 2013, v. 28, n. 3, p. 609-633.

SODRÉ, Muniz. Sobre a identidade brasileira. **Revista Científica Información y Comunicación**. Sevilla: 2010, v. 7, n. 1, p. 321-330.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Formação do Povo Brasileiro. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/brasileiro.htm>. Acesso em: 11 de junho de 2019.